



REVISTA
DE
Arte e critica
SERIE 1.^a
Fasciculo n.º 3



A VE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE MARÇO DE 1899

CHRONICA



M amigo meu, cuja opinião muito prêso, desde que, no largo e intimo convívio de Coimbra, lhe pude bem aquilatar os superiores dotes d'espírito e de coração,— lamenta que a *Aze-Azul* «não pretenda influir no movimento (revolucionario?) da litteratura moderna e que, em vez de ser um combatente que vem, com talento, originalidade e independencia, servir a causa do progresso neste meio litterario desnorteadô na renovação ou commodamente prêso a um conservantismo mortal,— seja apenas mero espectador que, de perto ou de longe, assiste, mas não intervem na lucta...»

Isto diz a carta do meu amigo.

E, como bem pode succeder que muitos outros assim pensem da *Ave-Azul* e a accusem, á pobresita, de *inercia*—ella

que tanto trabalha por agradar a quem a ouve!—e de *deserção*— ella que põe todo o seu empenho em concertar a sua voz, ingenua mas saudavel, pela das suas irmans mais velhas, e mais civilizadas portanto, de forma a egualal-as e, se possível fôra, vencel-as até em harmonia!—como isto bem pode ser que seja, d'ahi o aproveitar eu a oportunidade para umas considerações que me parecem de todo o ponto justas e que ninguem de certo taxará de extemporaneas.

*

* *

Quando a *Ave-Azul*, no seu artigo de apresentação, declarava não trazer no seu programma uma nova theoria de arte por cuja propaganda viesse terçar armas,—era a inaniidade de theorias novas parturejando obras velhas, que assim a obrigava a fallar: de resto, no seu programma trazia ella uma theoria—a do bom-gosto, que é a flor do bom-senso: mas essa não a annunciava: aguardava (e tal era a sua intima aspiração) que lh'a descobrissem os que lêl-a soubessem.

Quando, no mesmo artigo ainda, declarava que vinha gorgear a sua canção de sonho; ou melhor: realisar o sonho da sua canção,—era a modestia natural (e que fica bem a todos, mas sobretudo a quem apparece em publico pela primeira vez...) era a modestia apenas que taes palavras lhe fazia proferir: modestia que por ventura resultava na maxima presumpção, se por canção de sonho se entender, como entender-se deve, o ideal de belleza, de bem e de verdade que todos nós, os que sonhamos, acalentamos bem no fundo das nossas almas de visionarios.

Quando, em summa, concluia por se annunciar como uma revista de arte e critica, recolhendo versos quanto possível bons e prosas quanto possível correctas, então mais claro apontava ella o seu objecto e, tanto quanto as suas azas alcançassem, o alvo para onde ella erguia o vôo, ajudada apenas da força da sua vontade e—porque não?—da consciencia da sua força:—da sua força, repito, porque toda a von-

tade o é, e, quando bem orientada, uma força capaz de realizar os maximos emprehendimentos.

No que a *Ave-Azul* de nenhum modo pensou foi em ser apenas mero espectador:—ah! não: se ha lucta (tocam os sinos a rebate? onde é? onde é que se combate? qual o ponto mais acceso da peleja?) a *Ave-Azul*, se a lucta é proficua, se a sua causa é justa, se o seu fim é o progresso, toma parte nella, sem medo de crestar as azas, sem medo de que lh'as arranquem tão pouco: intervem nella, toma parte nella, sim; mas a seu modo; mas independentemente; não como soldado disciplinado, mas como guerrilheiro destemido; sem receber ordens de ninguem; embora acatando, como lhe cumpre, os conselhos dos que mais saibam e melhor pensem.

*
* * *

Concluindo:—qualquer publicação litteraria que mereça menção, desde que apparece, é porque pretende influir, e realmente influe (para bem? para mal? *that is the question*...) no movimento, seja ou não seja revolucionario, da litteratura do seu paiz; e, quando bem collaborada e bem dirigida, infallivelmente serve, mais ou menos, a causa do progresso, propagando, quando mais não seja, o bom gosto e os altos sentimentos nos seus versos e nas suas prosas.

Esse o *desideratum* da *Ave-Azul*: basta ler-lhe os summaries dos fasciculos publicados...

Se o conseguiu, não é tempo ainda para o decidir: que vae ella ainda nos primeiros vôos.

Se o conseguirá...

O que é já indiscutivel (e nem todos de tanto, embora pouco seja, se poderão orgulhar...) o que é já indiscutivel é isto:—que para o conseguir envidamos os maximos esforços: e, coadjuvados, como temos sido e esperamos continuar a sel-o, pelos que, da geração-nova, melhor pensam e melhor escrevem, estamos esperançados em ver coroados de bom exito os nossos esforços.

Fechada a sua primeira serie, falem então os que em Portugal se arrogam a dura missão de criticos; e, se encontrarem muito que censurar, certos estamos de que alguma coisa encontrarão tambem que louvar.

As censuras, quando justas, aproveitall-as-emos para, na medida das nossas forças, melhorarmos a nossa revista:—nos louvores, se nol-os derem, colheremos a unica recompensa a que aspiramos; mas tambem, se nol-os não derem, essa mesma recompensa encontrall-a-emos na satisfação de consciencia, persuadidos como estamos de que fazemos quanto podemos por merecel-os.

E tanto nos bastará... para seguirmos.

CARLOS DE LEMOS.



SALA DE VISITAS

De ANNA DE CASTRO OSORIO:

FRAGMENTO

Do romance no prelo *Ambições*.



Como tinham combinado, Luiz e Bella apearam-se na bifurcação dos caminhos e deixaram que a Viscondessa e a Candida, o dr. Ramalho e o Visconde, continuassem em carroagens pela estrada nova, com os mais hospedes, vindos propositadamente para assistir ás festas, e seguiram elles pelo caminho velho: escadas de pedra que se espreguiçam em largos degraus orlados de sobreiros seculares com capellinhas brancas em cada patamar.

Toda a serra estava cheia de gente, e desde a villa, a tres kilometros, que um vozear surdo como de mar batendo ao longe na penedia da costa, chegava aos ouvidos.

Grupos alegres estendiam-se pelo chão, chalaceando para espantar o somno, á espera do fogo d'artificio; outros dormiam já, no costume das noites começadas logo ao pôr do sol. Pobres esfarrapados começavam a apertar-se, escancarando miserias nas suas vozes ladainhentas. De tempos a tempos, para entreter o povinho, um foguete de lagrimas enchia o céu d'estrellas multicôres e abria todas as boccas n'um prolongado *oh* admirativo.

Bella ia subindo ao lado de Luiz e divertia-se francamente, expansivamente, com aquelle «vivo muzeu ethnographico,» como lhe chamava.

Ria com a alegria dos outros, parava para ouvir uma cantiga ou vêr um rancho dançar ao som da viola, e começára desde o principio a dar dinheiro a todos os mendigos, a comprar bonecos de pão e bugigangas sem importancia, só pelo prazer de comprar, de ter muita coisa que lhe recordasse mais tarde aquelle espectáculo novo para os seus olhos de quasi estrangeira. Por mais que Luiz lhe dissesse que era muito lá em cima, no alto do monte, no terreiro da capella, que a verdadeira feira se juntava, ella não queria crer que fosse mais pittoresco.

A noite puzera-se escura e quente, com rasgões de relampagos lá para as bandas da *Serra*. A' maneira que iam subindo, os romeiros iam-se apertando, gritando, n'um desmancho e bruteza d'allucinação que quasi a assustava, a ella que nunca estivera tanto em contacto com alma rude do povo.

Insensivelmente, tomou o braço que Luiz desde o principio lhe offerecêra e recusára na independencia orgulhosa de rapariga habituada a andar só.

Caminhavam difficilmente empurrando a multidão que se entrechocava subindo e descendo pelo pequeno espaço deixado no meio das escadas pelas vendedeiras.

Raparigas com os lenços cahidos, os chales atados á cinta e as chinellas brancas com biqueira de verniz, riam alto, sacacoteavam-se e fallavam mais desembaraçadas do que os homens. Esses, com os chapéus braguezes enfeitados com santos, bonecos de massa e flores de papel, desciam deitando o tronco para traz e firmando-se bem nos sapatos de salto de prateleira e no varapau, cambaleantes, como se o habito de andar dobrado sobre a enxada lhes tirasse o de andar verticalmente.

Por entre a multidão festiva, amortalhados de branco, subindo de joelhos ou de costas os trezentos e tantos degraus

de pedra, miseros penitentes iam cumprindo promessas, quem sabe de quantas lagrimas feitas ! . . .

—«O' Luiz, como é possível que isto se faça e se consinta?! —dizia Izabella, nervosa, apertando-lhe o braço quasi phrenetica.

—«Pois não se havia de consentir a consolação d'uma tão grande fé?

—«Fé?! não diga tal! E' a ignorancia, o fanatismo, a loucura, e é sobre tudo uma barbaridade consentirem que esses pobres corpos se arrastem assim pelas pedras . . . Subamos depressa; ainda falta muito? Parece ser hoje mais longo este caminho!

—«Não é decerto; a Bella é que está aborrecida, e por isso lhe parece mais longo. Sentemo-nos um bocadinho, quer?

—«Sentemos-nos alli mais no escuro, onde houver menos passagem e menos luz, que eu sinto a cabeça esvaída com este turbilhão.

Sentaram-se fóra da escada, sobre umas pedras, na sombra d'uma capella.

Ao lado d'elles e por toda a parte empurravam-se, fallavam, riam, apregoavam ou dormiam centenas de pessoas que assim se julgavam felizes, enquanto Izabella se sentia triste, d'uma pungitiva tristeza, que mais a encommodava por lhe vir assim, tão contra sua vontade e expectativa.

—«Estou arrependido de a ter acompanhado n'esta extravagancia —dizia Luiz—porque é uma verdadeira extravagancia, que eu devia prever a encommodaria.

—«Porque? Extravagancia e desusada em mim, é isto. Pois que tenho eu de mais ou de menos para não sentir como elles, para não me divertir como elles, para me encommodar com o contacto d'esta boa gente, que é portugueza como eu, nascida sob o mesmo so?! . . .

—«Miss Bella é ingleza.

—«Oh, muito pouco! Quasi só pela grande amisade que dedico a meu tio. Mas sou toda portugueza pela alma; que differença ha pois entre nós?

—«A educação, miss.

—«Que desprezível coisa ella é, que assim nos distancia dos nossos irmãos !

—«Pelo contrario; que supremo idial, que divina conquista do espirito sobre a materia ! O que me differencia a mim, filho d'um homem nascido no povo, d'esses que por ahi se estendem sobre as urzes a dormir pesados somnos d'inconscientes ? Se meu pae continuasse a guardar ovelhas até homem e depois se agarrasse ao cabo da enxada, como os irmãos e parentes que por ahi ficaram, o que seria eu mais do que elles ?

—«Tem razão, comprehendo que deve ter razão; mas que quer ? Eu esperava outra coisa, alegrias novas para o meu espirito no contacto com o povo que eu só conhecia dos livros. Isto chegou a assustar-me como um pezadello. Mas agora estou melhor ; vamos ?

—«Quando quizer.

Silenciosos, quasi tristes, continuaram a subir por entre as vendedeiras, que se lhe dirigiam reconhecendo n'elles gente de comprar sem regatear.

—«O' meus ricos senhores: um pãosinho de quartos, um bolinho d'ovos, esta boneca tão linda; compre, minha rica senhora !...

Rebuçados, cravos de papel com versos, amores perfectos, imagens da Senhora do Monte de todas as maneiras e feitios, abrindo sempre em balão o manto azul, com o menino ao collo, ambos risonhos e felizes na immobildade d'imagens.

Luiz e Bella, apertados, puxados pelas vendedeiras que descobriam as canastras para os tentar e os disputavam umas ás outras, conseguiram chegar ao primeiro terreiro onde as barracas se enfileiravam como um acampamento. As do peixe frito á direita, com o vinho ao lado e as melancias em monte. Depois as das quinquilherias, sempre cheias de compradores, e as dos ourives estatelando sobre empoeirados cartões forrados de velludilho preto os cordões, os anneis grossos e medalhas: a ambição das raparigas casadoiras.

Os assobios e as gaitas guinchavam de todos os lados, puzham uma nota mais alta e desafinada sobre aquelle vozear ensurdecador, onde mal se distinguiam as vozes esganiçadas das mulheres cantando nas rodas sapateadas.

Bella parou, n'um assombro. Nunca os seus limpidos olhos azues tinham visto coisa que semelhasse a loucura d'esse remexer de gente que ria, cantava, dançava e corria sob a luz desigual e fumarenta dos candeeiros de petroleo. Fechava os olhos e via ainda essas boccas escancaradas que riam alvarmente e fallavam como que outra lingua differente da sua. Tapava os ouvidos e na memoria repercutia-se-lhe o mesmo guinchar destoante dos assobios e gaitas que enchiam o arraial, os pregões da agua fresca, a offerta persistente dos vendedores...

Luiz quasi a arrastou n'um atordoamento d'inconsciencia pela rua dos ourives menos concorrida e por onde mais facil lhes foi chegarem junto da viscondessa que os esperava no terreiro da igreja em coreto reservado, expressamente feito para a occasião. Quando se lá viram, um suspiro d'allivio lhes alevantou o peito n'um tomar folego de quem atravessou a nado, e com perigo de vida, um rio caudaloso.

.....

Mas o Telles, mal descobriu o vulto esvelto de Izabella conversando em pé com o dr. Ramalho e Luiz, correu a comprimenta-los.

— «Então V. Ex.^a supporta este espectaculo selvagem? — perguntou desdenhoso para Bella.

E esta, que dizia isso mesmo ao dr., contrariou o boticario n'um:

— «Ah! mas é encantador, senhor Telles! Um verdadeiro espectaculo para commover artistas. Selvagens? mas não, nada que se pareça com isso! natural e tão humano que me alegra na mesma alegria.

Luiz sorriu intimamente satisfeito de a ver tão fechada

para o Telles, que detestava por o saber amigo intimo do Villegas e pelas suas pretensões a litterato e a raro.

— «O quê?!—respondia elle levando os dedos abertos á cabelleira preta no seu gesto familiar - pois V. Ex.^a não acha isto brutal, não sente que os seus nervos se crispam, que o seu espirito delicado se confrange n'esta feira franca de vulgaridades?! . . .

— «Não, senhor Telles! Em primeiro lugar porque não tenho nervos que se crispem n'essas revoltas; depois, porque o meu espirito se compraz na simples alegria do povo. Repare como cantam e como é excepcionalmente alegre este *motivo*.

Inclinaram-se sobre o paredão para melhor escutarem um côro de vozes alegres, que no primeiro terreiro sobresahia a todos os outros, na roda sapateada :

*«Liberdade, liberdade,
Quem a tem chama-lhe sua. . .»*

Repetiu Izabella cantarolando o que em baixo cantavam a plenos pulmões.

.....



De P. ULINO D'OLIVEIRA

BEIJOS*(A minha Mulher: Anna de Castro Osorio.)*

Beijos de mães desveladas,
 — *Avé Marias* tocadas
 N'um rubro e oiro de poente...
 Beijos feitos de perdão,
 Pedacos de coração...
 Sacrificado e contente.

Beijos que trazem conselhos
 Severos como evangelhos,
 Beijos de paes, graves, calmos,
 Como bençãos piedosas
 Em cathedraes magestosas
 Todas resoadas de psalmos...

Beijos honestos de irmans,
 Clarinhos como manhans
 Sonoras de primavera;
 Beijos de avós sentenciosos,
 Que lembram echos saudosos
 Por velhos muros com hera...

Beijos de noiva assustada,
 Como florinha cortada
 Ungindo a mão assassina...
 — Tremôr d'astro que desmaia...
 — Ondas morrendo na praia,
 Com rendas de espuma fina...

Beijos de amantes sensuaes,
—Mornos banhos orientaes...
—Fontes d'aromas correndo...
—Beijos que rasgam vestidos
E ensangentam os sentidos
—Phalerno a rodos fervendo...

Beijos altos e cantados
De botõesinhos rosados
De criancinhas galantes,
—Chrystal e oiro chocando-se...
—Aves, aos trilos, banhando-se
Em ribeiras murmurantes...

Beijos de esposa... esses, esses,
com que tu, Anna, me aqueces
E me deleitas e guias!
Têm todas essas doçuras,
Clarões, desvelos, frescuras,
Bondades e harmonias.

(Setubal)



A ESPERA



desembarque dos passageiros ia começar...

Linda manhã de maio. Nove horas. O ar sereno, o sol claro, o ceo d'um azul muito esbatido e o mar, d'um azul como o do ceo, tambem desbotado, tambem empallidecido, quebrando na areia com a doçura d'um regato, num murmúrio rythmico, embalador. A praia coberta de gente de ambos os sexos, de todas as idades e de todas as condições. Vestidos de seda, vestidos de chita, fatos caros e fatos remendados, esburcados... Rostos frescos junto de caras enrugadas, dorsos curvados hombro a hombro com bustos apumados numa soberba elegancia, tudo misturado, tudo confundido na mesma onda movediça e ruidosa, faiscando á luz crua do sol que sobre ella jorrava quasi a prumo, lá do alto.

No mar, em pé ou sentados á proa dos barcos que cortavam as aguas num bater alegre de remos em direcção ao vapor ancorado lá ao longe, a mesma diversidade de rostos, de idades e de condições que na praia.

Numa coisa, porem, se uniam, se identificavam todas essas creaturas que umas com as outras tanto contrastavam: na espectativa alegre do desembarque que as fazia agitar, redemoinhar, correr d'um para outro lado na ancia de ver tudo, e de ver tudo bem, e cada um melhor que os seus visinhos mais proximos.

Só uma pobre mulher, desviada de todos, lá muito ao

longe, a agua quasi tocando-lhe a fimbria da saia quando a onda morria na areia, se conservava, de pé á beira do mar, numa immobildade de estatua, os olhos pregados no vapor com uma fixidez tão obstinada, tão dolorosa, que involuntariamente fazia pensar no olhar da loucura ou da hypnose...

Era baixinha e magra; as rugas do rosto e os cabellos brancos diziam uma idade que o brilho dos olhos desmentia, uns olhos muito grandes, pretos, cheios d'uma tristeza resignada. O vestido pobresinho e já muito velho, mas sem uma nodoa, sem um rasgão; na cabeça uma capota—flores sem forma e fitas sem cor...—apertando no pescoço com um pequenino laço preso por um alfinete que parecia d'oiro. Do chale escuro, no fio, saia uma mão esguia, parecendo não ter sangue nenhum de tão alva que era, timidamente a segurar um pequenino chapéu de sol que conservava fechado. A cor do chapéu... talvez em outros tempos tivesse sido preto, talvez; mas era agora d'um verde pardo, murcho, que infundia tristeza.

Todavia, uma coisa destoava da pobreza extrema de todo o seu vestuario: eram as botinas, umas botinas só em meio uso ainda, d'uma elegancia soffrivel, a faiscarem, como um espelho, á luz gloriosa d'aquelle lindo sol de maio...

Quem seria essa pobre mulher, assim vestida, parecendo não ter vida senão nos olhos grandes e moços, que nem por um segundo se apartavam do navio que ancorava lá ao longe?...

Começara o desembarque.

Agora as attensões convergiam todas para os barcos que vinham chegando. E por cada um que abicava era na praia um coro de vozes exclamativas, apertos de mão, abraços, risos misturados de lagrimas.

Mas a pobre lá estava sempre na mesma attitude, os olhos obstinadamente pregados no vapor, indifferente a tudo o mais.

De longe a longe o vento afastava-lhe um pouco o chale, deixando ver o peito magro sob o vestido muito justo, o pes-

coço ligeiramente enrugado mas muito alvo, d'uma alvura doentia que impressionava.

E... não sei porquê: mas as flores e as fitas do chapéu muito brunidas, cingindo o pescoço com aquelle alfinete d'oiro, o traçado do chale, as botinas quasi novas, um não sei quê a animar toda a sua pessoa, tudo accusava na pobre creatura uma intenção de garridice tão ingenua que fôra para rir, se antes não commovera até ás lagrimas!

O desembarque continuava...

Quem esperaria a pobre? um irmão? um filho? um esposo? Porque com certeza os seus olhos fitos, absortos, aguardavam a appareção d'algum vulto amado a encher de luz a coberta d'esse navio immovel lá ao longe...

O desembarque continuava, continuava sempre...

Toda a vida, toda a alma da pobre parecia concentrada nos olhos cada vez mais absorvidos, attentos sempre ao mais insignificante movimento a bordo do vapor. Mas, agora, uma ruga lhe vincava a fronte, numa contracção dolorosa; e o rosto tomara-lhe uma expressão de anciedade indiscriptivel. O corpo, porem, não se movia: os pés, como se tivessem creado raizes, não desagarravam do mesmo logar.

E o desembarque continuava...

E já poucos passageiros esperavam na coberta que lhe chegasse a vez de ir para terra.

Uma nuvem descera pesadamente sobre a infeliz. A ruga que lhe vincava a fronte tinha-se estendido a todo o rosto, envelhecendo-o, esmorecendo-lhe mesmo numa angustia pungentissima o brilho dos olhos pretos, tão lindos, tão moços ainda naquelle rosto precocemente enrugado.

E a bordo já nenhum passageiro restava; e na praia a multidão ia rareando...

Então a pobre aconchegou ao peito magro, com a mão muito tremula, o chalesito no fio, e, segurando o pequenino chapéu sempre fechado, lá se foi embora tambem, muito devagar, os olhos no chão, curvada, uma lagrima sulcando-lhe o rosto cheio d'uma infinita amargura resignada...

Dez annos! — ha já dez annos que o seu João, o seu homem, o seu noivo! — pois só tres annos de casada com elle vivera. . . — a deixara e se fôra para o Brazil a ver se arranjava fortuna!

Que feliz nesses tres annos que com elle vivera! como os dois se amavam! porque elle tambem a amava, o seu pobre João, e, se não fôra aquella sêde de riquezas que o levava a expatriar-se, nunca elle a teria deixado, nunca! d'isso estava ella bem certa. Mas não pudera resignar-se áquelle viver cingido aos minguidos proventos d'um logar de escrevente e ao mais que ella agenciava com a sua costura. . . — não pudera, e principalmente por causa d'ella, que fora creada com muita estimação e era fraquinha. . . E lá partira apesar de todos os seus rogos, de todas as suas lagrimas, de todos os seus protestos de que era feliz assim, que nada mais precisava, que nada mais desejava.

Depois. . . A principio escrevia-lhe muita vez, cartas muito longas, muito saudosas, e de longe a longe algum dinheiro lhe mandava, pouco; mas, de subito, nunca mais escrevera. E, quando a pobre, cheia d'angustia, com a morte na alma, lhe pedira para ir ter com elle, uma carta viera então: que não cahisse em tal, que seria matar-se, que não resistiria nem á viagem nem ao clima de lá, fraca e doente como era. . . Demais, que voltava breve: e indicava-lhe até o paquete e dia em que chegava. Ataviada com o que de melhor tinha, e o coração todo numa infinita alegria alvoroçado, lá fôra ella esperar-o; mas elle é que não viera. . . E desde então nunca mais escrevera, nunca mais! Já lá iam oito annos depois d'isso. . .

E ha oito annos tambem que a pobre vac sempre assistir ao desembarque dos vapores que vêm lá d'esse Brazil, na esperanza de que o seu João lhe surgirá um dia na coberta d'um navio, a acenar-lhe, muito alegre, com o seu lenço branco. . .

BEATRIZ PINHEIRO.

ANHELIA



(CONTINUAÇÃO)

*E de mãos dadas, silenciosos ambos,
Ao acaso p'r'a Floresta se encaminham:
E ao passo que assim juntos se avizinham,
Curvam-se em docel d'oiro os loiros jambos.*

*O Sol, de curioso, para vel-os
Espreita-os pelos ralos da folhagem
E aqui e ali, a furto, de passagem,
Beija seus olhos, beija seus cabellos.*

*Uma harmonia de todo o ar se exala
Que é feita só de muzicas suaves:
Da muzica das aguas e das aves...
E da do mais que não tem voz—e falla!*

*E em seus peitos um cantico resôa...
Pela janella dos seus olhos vê-se
Um divino clarão... e até parece
Que é Deus que lá de Cima os abençoá.*

Anhelia

*A Terra se ergue, maravilhada,
Ao Ceo radioso em adoração...
E o Ceo, beijando-a com devoção,
Cinge nos braços a Bem-Amada.*

*E a esse fundo beijo infinito
A Terra vibra d'amor immenso
E um canto sobe, como de incenso
Nuvem sagrada, ao azul bemdito!*

*Com doces raios abrasadores
O Sol a envolve num quente abraço
Que se transforma, no seu regaço,
Em bellos fructos, em lindas flores...*

*Meu doce Amado: repara bem:
Que vida ardente na terra toda!
Que grande festa! que rica boda
Os nossos olhos prendendo vem!...*

O Ephebo

*Luç radiosa, como d'estrella,
Chega a meus olhos e me extasia...
E no meu peito rompeu o dia
Desde que ponho meus olhos nella!*

*Nada mais vejo: tudo é penumbra
Em volta d'ella, sempre a brilhar...
Mas essa estrella, que me deslumbra,
E' o teu olhar!*

Anhelia

*Escuta as Aves!... Meu Deus! meu Deus!
Tinha cerrados os meus ouvidos!
Como é que nunca, nos tempos idos,
Ouvi seus cantos que enchem os Ceos?!*

*São cordas d'oiro vibrando ao vento...
Perolas soltas, que deslissassem...
Orgãos de esferas que resoassem
E que eu ouvisse nest: momento...*

*Côro divino d'almas cantando,
Resuscitadas, no ether sagrado...
—O Ar que passa, d'extasiado,
Para escutal-as se faz mais brando!—*

*Nas Avesinhas que ora me encantam,
Nunca eu sonhara tanta harmonia!
Que lindas Aves! que lindo dia!
Ouves, Querido! como ellas cantam?...*

O Ephebo

*Uma voz ouço, de mel e rosas
—E d'escutal-a nada mais ouço!—
Que aflora e encanta meu peito moço
Num roçar d'aças cariciosas!*

*Mas se procuro saber que lyra
Tanta harmonia em minha alma poço:
E' a tua bocca, quando suspira...
E' a tua voz!*

Anhelia

*Doces perfumes da Terra sobem:
Pairam dispersas no espaço todo,
Ondas de essencias que usasse a rodo
A Terra fresca, ataviada e joven.*

*Como de ricas, preciosas gomas,
—Balsamos finos que o sonho embalam!—
Assim perfume fragrante exalam
Da Terra as verdes, luxuosas comas.*

*Noiva que ao noivo quizesse um dia
Prender d'amores, encher de zelos,
Usar de vera nos seus cabellos
Assim uns oleos, uma ambrosia.*

*E' a Primavera que enche de flores
Embriantes a Terra inteira...
Olha esta rosa: que bem que cheira!
Como embriagam os seus odores!*

O Ephebo

*Bebo um perfume exquisito e doce
Que me entontece e que me embriaga
E em mil delicias meu peito alaga
Como se nectar dos Deuses fosse...*

*Mas o perfume que assim respiro
E os cheiros todos em si resume,
Esse perfume que aos mais prefiro,
E' o teu perfume!*

Anhelia

*Que de riquezas! que de thesoiros!
São amethistas, ágathas finas,
São esmeraldas e corralinas,
Negros jacinthos, topasios loiros!...*

*Somos nababos; uns milionarios!
Ninguem mais rico do que nós somos:
Pois onde existem mais frescos pomos,
Joiás mais dignas de reaes erarios?!*

*Que de riquezas! que de riquezas
P'ra nossa bocca, tão preciosas!
Morangos e uvas tão saborosas!
Figos, laranjas e framboesas!*

*Que te appetitece? dize o que queres:
Um cacho d'uvas? morangos antes?
Maduros, doces, refrigerantes...
São os morangos que tu preferes?*

O Ephebo

*Eu tenho sede, pobre de mim!
Meus labios ardem, arde meu peito...
Mas esses fructos, eu os regeito:
A minha sede não morre assim!*

*Uvas, morangos... taes fructos gabe-os
Outro a quem vel-os sede provoca:
Que o unico fructo que attrahe meus labios
E' a tua bocca!*

Anhelia

*Que de tapetes, que de almofadas!
Que bem que nellas se hade dormir!
Que visões lindas hão de sorrir
A's nossas almas extasiadas!*

*Não ha velludo, não ha setim
Como esta relva, tão fofo e brando!
E' toda ás ondas que vão quebrando
Em outras ondas, sem terem fim...*

*Ondas caladas, mas inquietas,
Aonde os Sonhos vão a singrar...
—Barcos mais lindos não ha no mar! —
Nas azas pandas das borboletas.*

*Queres sentar-te? já vaes cansado?
Olha que boa, que rica sombra!
E mais macia, mais doce alfombra,
Jamais meus olhos têm contemplado...*

O Ephebo

*Nem os insectos tem nas flores
Tão perfumado, tão doce abrigo
Como a pousada que em fim lubrigo,
—Rio d'estrellas, ninho d'amores!*

*Mas esse oasis neste deserto
Onde repouso meu corpo lasso,
Jardim fechado que é um czo aberto,
E' o teu regaço!*

Anhelia

*Uma harmonia que em nós não cabe
Sonha nas flores, canta nas aguas
Que vão, de manso, contando ás fraguas
Coisas e coisas que ninguem sabe...*

*Não vê a gente, não vê, mas sente
Olhos erguidos a contemplar-nos...
Mãos que se agitam a abençoar-nos
Tão docemente, tão docemente!*

*E vem das coisas uma ternura
Que o ar embebe e que o ar dilue
Em luz de graça que em nós influe
E a nossa alma torna mais pura!*

*E de bebel-a, e de respiral-a,
Tão bem me sinto, tão satisfeita,
Que esta ventura que me deleita
Enche-me o peito, prende-me a falla!*

O Ephebo

*Essa harmonia, esse arroubamento,
Essa ineffavel felicidade,
Tambem agora meu peito invade
Num delicioso enebriamento...*

*Mas a infinita beatitude
Que assim me absorve, toda interior
E' a tua graça, é a tua virtude,
E' o teu amor!*

Anhelia

*O Amor! o Amor!
Era então a voz do Amor
Essa voz que me chamava,
Essa voz que me levava
No desvario hysterico da Dor,
Por toda a terra,
De valle em val',
De serra em serra
E atravez d'esta selva escura... escura!
Sem que jamais achasse, por meu mal,
Aquillo de que andava, em ancias, á procura,
'Té que te vi
E que a final eu vim a achar em ti... em ti?!*

O Ephebo

Era o Amor...

Anhelia

O Amor?! Então,

*O Amor o que é,
Que só de lhe ouvir o nome
Me acalma no coração
Esta febre que o consome...
Ou antes, que o consumia,
A elle, que tanto descreia
E agora crê?!...
Era o Amor... O Amor?! Então,
O Amor o que é?...*

O Ephebo

*E' ter sonhado, como sonhara,
Um alto ideal...
E ver que a tua belleza rara
Inda mais val!*

*E' ter cantado, como na aurora
O rouxinol,
A luz do dia: mas só agora
Ver luz do sol!*

*E' ver a terra, ver quanto existe
Pelos teus olhos...
E achar nos cardos, se tu as viste,
Rosas aos molhos!*

*E' da tua graça no mar em calma
Ficar submerso!*

*E é no teu corpo e é na tua Alma
Ter o Universo!*

*E' não ter olhos, não ter ouvidos
Senão p'ra ti!*

*E' dar-te a alma, dar-te os sentidos
Quando te vi!*

*E' não ter vida que minha seja
E que eu possua:*

*E sentir vida mais que sobeja
Por vir da tua!*

*E' 'star contigo—longe estivesse,
Como até 'qui!*

*E, se algum dia tu me morresses...
Morrer em ti!*

*E'... tantas coisas que eu te diria,
A haver palavras—se podés havel-as
P'ra coisas taes!...*

*Mas... que as dissesse, de que valia?...
Outras ficavam... e depois d'ellas
Ainda mais!*

(Conclue no proximo numero)

BEATRIZ PINHEIRO.



SAUDADES DO CEO

(1)

de Eugenio de Castro



um consagrado, na lidima accepção da palavra: um triumphante, para quem a corôa de louros não é corôa de papoilas; longe d'isso: parece até que, depois de obtida a cadeira da Academia, é que, mais desafogada e mais demoradamente ainda, abanca á sua mesa de trabalho. E' ver a larga lista dos volumes publicados em menos de dez annos:—Os *Oaristos*, e as *Horas* que lhe ganharam a celebridade a dentro das fronteiras; a *Silva*, d'um encanto inegualavel e o *Interlunio*, d'um pessimismo arripiante, que lh'a justificaram; o *Sagramor*, peregrinação da Alma através dos sete-circulos da Vida até cahir extenuada, e irresoluta ainda, no—*Não sei . . . não sei . . .*—e aquella obra prima da *Belkiss* que o fez conhecido e apreciado em toda a Europa pelas traducções que d'ella appareceram em hespanhol, italiano e francez; e o *Tiresias* e a *Nereide d: Harlem*, essas duas joias, de puro quinhentismo aquella, esta de puro symbolismo; e a *Salomé e outros Poemas* onde ha paginas que são uma delicia; e o *Rei Galaor* que parece a alma de Hamlet falando pela bocca do Rei-Lear; e agora ainda as *Saudades do Ceo*—meia dusia de versiculos da Biblia, convertidos numas centenas de alexandri-

(1) Bella edição da casa França Amado—Coimbra: preço 400 reis.

nos que me deram uma hora d'elevação espiritual, como raras, muito raras vezes, encontro na leitura dos volumes de versos que presentemente se vão publicando...

Saudades do ceo!... Já o titulo é uma delicia! saudades do ceo... quem não as tem, hoje em dia então que a terra, de inhabitavel, nos dá vontade... de emigrar?! Mas...—e porque as temos nós?! saudades... só de algo que se tenha conhecido e possuido e disfructado soem sentir-se; pois não é verdade? Como pois, podem habitantes da Terra ter saudades do Ceo?!

Diz-nos o *Genesis* que os anjos se namoraram das filhas dos homens que eram formosas e estas conceberam dos anjos filhos que foram poderosos e famosos no seculo...

Deu-se este connubio, conforme o livro attribuido a Enoch, no anno 1170 da creação do mundo.

Para longe porém, a questão de saber se os anjos tinham corpo, como era crença dos judeus e foi doutrina accete por muitos e auctorizados Doutores da Egreja, nomeadamente o Bispo de Hippona que na sua carta 109 não põe difficuldades em attribuir corpo delicado e agil tanto aos bons como aos maus anjos e João de Thessalonica que no Concilio de Nicéia (325 depois de J. C.) affirmou, sem levantar objecções, que se devia pintar os anjos, porque teem corpo.

Tambem para o caso não importa saber se os *anjos* (em grego, *enviados*, *mensageiros*...) eram ou não eram, simplesmente, homens d'uma raça mais adeantada em civilização que, sedusidos pelos encantos das mulheres d'outra raça inferior, lhes ensinaram, como diz o livro de Enoch, os jazigos d'ouro e prata, a arte de tingir as pelles d'animaes, o emprego dos medicamentos, etc, *iniciando-as*, em summa, nos segredos da alta civilização a que pertenciam (com o que parece concordar o auctor do *Stromata*) e tornando-as, consequentemente, mães de verdadeiros *gigantes* que á subtileza e á sensualidade da raça materna alliam a sciencia e o engenho da raça paterna e a *saudade*, por assim dizer herdada, d'um outro *meio* muito diverso d'aquelle em que nasceram e a que

aspiravam como sendo a verdadeira patria de seus superiores espiritos.

Tudo isso são questões para philosophos — para sabios.

O poeta da Lenda o que lhe interessa é — a lenda: e na lenda o que elle aproveita é o symbolo.

Assim fez Eugenio de Castro: da Biblia — d'esse poema que tem sido a *alma mater* de tantas joias com que se orgulham, e justissimamente, as Litteraturas Europeas — desde o *Paraisso Perdido* e a *Messiada* ás melhores tragedias de Racine e de Corneille, a *Athalia* e o *Poliuto* — da Biblia arrancou o notabilissimo poeta e primacial artista, que é Eugenio de Castro, essa meia duzia de linhas que nos davam tão subtilmente a explicação d'esta ancia do *Alem* que arde mais ou menos em todos mas que nos poetas escabuja rabida em linguas de vivo fogo que os consome... ao mesmo passo que os vivifica; e com esse minerio encantado fabricou elle, como se tivera encontrado a *pedra philosophal*, o oiro purissimo d'estes versos rubros ainda do esplendor sagrado que brilha eterno no livro que lhes foi origem.

A citar: todo o 2.º canto — aquella chuva d'anjos que é um deslumbramento:

«Mas olhae, mas olhae: vêde os anjos além!
 «Vêde-os: que resplendor! E descem! Contemplae-os:
 «Os seus olhos, que são flor's com luz, lançam raios,
 «Que são luz com aroma, e o adejar puro e leve
 «Das suas azas é como um florir de neve!
 «Vêde-os! vêde-os descer do ceo de prata ardente,
 «Mancebos a sorrir effeminadamente,
 «Como fructos ideaes da paixão assombrosa
 «Com que um cysne adorou uma donzella airosa,
 «Que antes de ser mulher fosse lyrio de gelo!
 «Vêde-os! vêde-os descer com astros no cabello,
 «Loiros, insexuaes e pallidos, vestidos
 «Com leves fumos d'oiro...

e o 5.º canto — aquella descripção do dilúvio que lembra, pela energia das imagens, certos poemas de Leconte de Lisle:

«Cresce o mar, sobe o mar, que já topeta os ceos,
 «E levada p'lo fero e desabrido norte,
 «Sua espuma a ferver molha o rosto de Deus
 «Que lhe encontra um sabor nauseabundo de morte...

«Cresce o mar, sobe o mar... Cada vaga é uma torre!
 «No ceo o proprio Deus melancholico pasma...
 «E pelos vagalhões acastellados corre
 «A Arca de Noé, qual navio-phantasma...

E já repararam numa coisa? — os versos supra-transcritos são todos cuidadosamente cesurados... Mais: dos quinhentos ou quinhentos e tantos alexandrinos do volume apenas um não tem cesura: é o seguinte, na pagina 32:

«Passam agora—negras sombras lastimosas!

a que, em todo o caso, não falta harmonia, por ter a quarta e a oitava syllabas accentuadas.

Todos os mais lá teem a cesura, quasi todos na sexta, alguns na quarta e na oitava, poucos só na quarta ou só na oitava: sendo certo todavia que meia duzia de alexandrinos lá vêem que, por cesurados em monossyllabos ligeiramente accentuados, pouco teem de verso e mais se approximam da prosa: taes os seguintes:

«Nos sacode, como um voluptuoso açoite...
 «Que as outras raças que viviam mansamente...

c

«Uma torre de tão prodigiosa altura...

E pois que o verso livre tão largamente, e tão brilhantemente tambem, introduzido e explorado por Eugenio de Castro, desorientou a muitos dos nossos poetas (tal o motivo por que frizo agora o regresso ao verso classico, embora de mais larga envergadura e mais flexivel tambem) bom fôra que os que se apressaram a imitar, e a exaggerar ainda, os processos do auctor das *Horas*, lessem agora as *Saudades do Ceo*, para o seguirem, para o imitarem tambem na quasi esculpida observancia da metrica official — quanto ao alexandrino.

E para concluir, uma observação ainda: — em todo o volume apenas uma imagem me não deu a impressão que por ventura era destinada a suggerir: é a que vem na pagina 22, onde diz:

«D'outros (*anjos*) as fluidas mãos, femininas, inquietas,
«Perseguem com ardor doiradas borboletas,
« — *Borboletas de mica atraç de estrellas d'oiro...*

Não é verdade que o verso sublinhado diz muito pouco das mãos dos anjos, dizendo tanto, por ventura demasiado até, das borboletas?

Perdoe o prestigioso artista, que me merece toda a consideração, estes ligeiros reparos, que, se os faço, é pelo muito que a sua obra vale e pelo muito que ella deve influir, e hade influir, na geração nova.

Pelo menos são esses os sinceros votos de quem muito lhe agradece, penhorado, a offerta das *Saudades do Ceo*, cuja deliciosissima impressão lhe ficará inolvidavel.

CARLOS DE LEMOS



ARTES & LETRAS

Poetas da Beira

ALAVA ha tempos o sr. dr. Candido de Figueiredo, accusando a recepção do bello livro de versos *Eiradas* de Antonio Correia d'Oliveira, «no ciclo das glorias litterarias da Beira, ciclo que já vem desde João de Barros a Braz Garcia e a Thomaz Ribeiro, Luiz de Campos, Silva Gayo, Simões Dias, e que, concluia, dentro em pouco, se não mentem esperanças, proseguirá brilhantemente com o nome do juvenil poeta».

Em rigor, em rigor (perdôe-me o sr. dr. Candido de Figueiredo) o ciclo de glorias litterarias da Beira que nos deu Thomaz Ribeiro, Luiz de Campos, Silva Gayo, Simões Dias e outros, não proseguirá, porque... porque esse acabou, ou quasi: fechou o seu percurso depois de ter enriquecido as Letras-Patrias com obras de valor incontestavel. Mas novo ciclo agora começa para a Beira, ciclo que realmente promette ser não menos brilhante que o da geração passada: e a esse ciclo pertence, primeiro que qualquer outro, pelo direito da prioridade no apparecimento, (não querendo eu agora allegar outros direitos) Fausto Guedes Teixeira, o nervoso e já consagrado poeta de *Os Naufragos*, *Livro d'Amor e Mocidade Perdida*, que ha pouco nos deu a *Boa-Viagem* e breve nos dará a *Esperança Nossa*; a esse ciclo pertence ainda Alvaro d'Albuquerque que em 1895 publicou as *Matinaes* e tem presntes a apparecer novo volume com o titulo de *Palavras San-*

tas; e a esse ciclo pertence finalmente Antonio Correia d'Oliveira que, com o seu livro *Eiradas*, bem digno se afirma de emparceirar com os dois primeiros. Alem d'estes porém, que pelas suas obras publicadas marcaram já o seu lugar, outros ha por sem duvida de quem a Beira se deverá orgulhar um dia, por lhes ter sido berço. Tres conheço eu, de Lamego todos e nessa cidade residentes, que são innegavelmente dignos de que os seus camaradas, mais antigos pela publicidade, festivamente os acolham no seu convivio. Pedi-lhes que me enviassem os seus cartões para os estampar numa pagina da *Ave-Azul*: mandaram-me os tres *ineditos* que seguem:

MADRUGADA!

(Depois d'uma noite de procella)

Bem dita sejas tu, ó Madrugada,
Beijo dos beijos, ineffavel, puro,
Dôce beijo de Deus sobre o monturo,
Meiga esmola dos céos á treva anciada!

Tu sobes como a Ideia, apaixonada,
Que mata, a sonhos, o golphão escuro,
E, aos haustos, me approximas do Futuro,
Céo confuso de que és radiosa escada!

Vais subindo, e eu subindo: a cada facho,
A cada feixe d'essa luz, que ostentas,
Eu sinto-me arrastar, de cá de baixo,

Da região das coisas lamacentas,
Como um livido e tremulo fogacho
Que Deus fez astro em cima das tormentas!

Lamego, 20—2—99.

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA.

DESENGANO



Se eu tenho só uma alma para amar,
E esta um anjo bom é que m'a tem,
Foge de mim, mulher, que eu sei guardar
A fé jurada ao meu primeiro bem!

Eu já tive uma lyra, cujas cordas
Os seus profundos olhos scismadores
Fizeram suspirar noites saudosas,
Oh lyra divinal dos meus amôres!

Mas essa lyra, Flôr, feita dos beijos
D'uma alma apaixonada, emudeceu,
Porque um dia, na igreja, a minha amada
Chegou-a ao coração e m'a escondeu.

Como hei de eu pois cartar o azul celeste
Dos teus olhos?

Ao largo, ao largo a gondola da alma,
Que quer partir-se, n'este mar em calma,
Entre escolhos!

Como o sol da manhã lá do levante,
Ha-de surgir o sol do teu amor!
Foge de mim, do Liz filha galante,
Foge de mim, oh Flor!

Se eu tenho só uma alma para amar
E esta um anjo bom é que m'a tem,
Foge de mim, mulher, que eu sei guardar
A fé jurada ao meu primeiro bem!

Leiria, 1896.

SILVA QUINTELLA.

FIM DE SECULO



Se eu fosse rei da terra portugueza,
(Que me desculpe Sua Magestade)
Mandava logo para a eternidade
Os ministros da minha realza.

Dava aos subditos meus toda a largueza
De viver a seu modo a liberdade:
Que se amassem, matassem á vontade...
Ficando a minha Magestade illesa.

Mandava destruir p'los fundamentos
As aldeias, cidades, monumentos,
E punha o reino todo de pinhal...

Quem quizesse ficar que se ficasse,
Quem quizesse emigrar que se emigrasse...
Qualquer dos rumos era natural.

Lamego, 11 - 99.

QUINTINO L. MACHADO

Não é verdade que escusam outra apresentação?

CARLOS DE LEMOS.



OS LUSOPHILOS

(Conclusão)



CONTINUANDO a resenha dos propagandistas das Lettras-Portuguezas, temos :

Na **Inglaterra**: alem de *Richard Garnett* que tradusiu brilhantemente sonetos de Camões e de Anthero :

—*Edgar Prestage* que tradusiu as *Cartas da Religiosa Portuguesa*, a elegia *Na morte de Anthero* e os *Sonetos de Anthero*; e ainda em 1896, o canto V do *Hyssope*, traducção publicada na *Manchester Quartely*, d'onde tirou *separata* de que possuímos um exemplar offerecido pelo auctor a quem agradecemos a immerecida amabilidade.

Na Allemanha: de *Wilhelm-Storck*:— traducção dos *Sonetos de Anthero*; *Parnaso Portuguez* com versos de grande numero de poetas modernos; e ainda, em 1890, um volume de dusetas e sessenta e tantas paginas com esmeradas versões da maior parte dos poetas portuguezes e brazileiros, de 1250 a 1890. Agradecemos tambem o exemplar que o auctor se dignou offerecer-nos.

E ainda *Platon de Waxel* que publicou em allemão a *Historia da musica portugueza*; e noticias diversas, em francez,

registando o movimento contemporaneo de Portugal, no *Journal de S. Petersbourg*.

Na **Suecia** :

Goran Bjorkman : este notabilissimo homem de letras, publicou, que nos conste, nada menos que dois volumes com versos e sonetes de Anthero, servindo de prefacio ao primeiro o poemeto de Joaquim de Araujo *Na morte de Anthero* e ao segundo os sonetos, no mesmo assumpto inspirados, de M. Duarte d'Almeida; e ainda : o *Parnaso Portuguez*, um volume com elegantes traducções de varios poetas nossos contemporaneos.

Finalmente, na **Hespanha** :

Dizia eu no passado fasciculo que o voltarmos as nossas vistas para a bella e riquissima litteratura hespanhola era uma questão de bom senso e de bom gosto : ha mais : é ainda uma questão de gratidão.

Ainda ha pouco um alto espirito da Hespanha escrevia para um nosso distinctissimo escriptor neste theor :

«Pero confiemos nosotros en que, *apesar* de los politicos, llegaremos á la inteligencia cordial, mediante la intimidad de «los literatos y los sabios.

E, se elle bem o diz, os litteratos e sabios de lá melhor o fazem. Haja vista o illustre cathedratico da Universidade de Oviedo o sr. D. Rafael Altamira, cuja traducção dos *Meus Amores* noticiamos no passado fasciculo da *Ave-Azul*, que na sua brilhante *Revista Critica da historia y litteratura españolas, portuguezas e hispano-americanas*, vem, desde 1895, apreciando quasi todas senão todas as publicações do nosso paiz. Mas não é só elle, felizmente, se bem que seja elle um dos primeiros nessa generosissima campanha.

Que nos lembre, são credores de nossa gratidão, por tal motivo, os distinctos escriptores *D. Raphael M. de Labra* e *D. Hermenegildo Giver de los Rios*, illustre cathedratico do Instituto de Barcelona. E ainda o illustre cathedratico da Uni-

versidade de Madrid, *D. Antonio Sanchez Moguel* que como philologo romanista mereceu de Leite de Vasconcellos os mais rasgados encomios, pela forma como faz acompanhar o estudo de litteratura castelhana com o das litteraturas portugueza e catalã, juntando ao estudo das litteraturas propriamente dictas o das respectivas linguas e historias. E' auctor, que sabemos, da *Historia de Nuestra Senhora de la Antigua* (obra escripta aos 18 annos em 1867 e premiada pela Sociedade Bibliographica Mariana de Lerida), da *Memoria sobre el Magico Prodigioso*, (tradusida para francez e allemão e muito encarecida por criticos francezes, allemães, italianos e suecos) da *Santa Teresa de Jesus considerada como escriptora* (estudo de grammatica historica, premiado pela Real Academia Hespanhola no certamen litterario de Salamanca em 1882) e finalmente da obra, que a nós muito particularmente nos interessa, *Reparaciones historicas*, obra tendente a fomentar entre Portugal e Hespanha «o affecto e harmonia proprios de irmãos e visinhos, tendo por meios unicos, agora e sempre, os do amor, da verdade e da justiça».

O sr. D. Sanches Moguel publicou, como director da *Illustracion Espanhola y Americana*, varios estudos critico-biographicos sobre as primeiras notabilidades portuguezas e ainda ha pouco nos visitou pela nona vez no intuito de colher dados para fazer na *Academia Real da Historia* de Madrid os elogios historicos do conde de Casal Ribeiro e do Conselheiro Barros Gomes cuja recente morte deixou de lucto as lettras, mais do que a Politica, portuguezas, se bem que d'esta fosse tão conspicuo ornamento como d'aquellas.

Em testemunho da sua admiração e do seu reconhecimento, o governo portuguez agraciou-o com as grã-cruzes da Concepção e de Christo. O illustre Cathedratico é tambem socio da Academia Real das sciencias, do Instituto de Coimbra e da Academia Francesa.

*

*

*

Damos por concluida aqui esta ligeira e insufficientissima

resenha, que assim mesmo bem claro prova o nosso asserto: — toda a Europa presentemente lança olhos curiosos e quasi sempre amigos sobre o nosso movimento litterario.

Pela nossa parte, a todos os amigos das Lettras Portuguezas aqui deixamos nesta pagina expressos os nossos sentimentos de muita consideração e estima: e a todos pedimos o obsequio de nos informarem, sempre que possam, dos seus trabalhos sobre Lettras Portuguezas.

CARLOS DE LEMOS.

P. S.—Chegou-nos já depois de feita esta resenha a triste noticia de que está de lucto o illustre escriptor D. Raphael Altamira: d'aqui lhe enviamos o nosso respeitoso e sent'ido pesame, associando-nos de todo o coração á sua dor.

C. DE L.



REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Desoito annos em Africa: — (Notas e Documentos para a Biographia do Conselheiro José d'Almeida) por Trindade Coelho. Uma obra d'arte que é tambem uma obra de justiça: ou o seu auctor não fosse o sr. Dr. Trindade Coelho que é dos poucos que fazem da Arte uma Magistratura, como da Magistratura uma Arte: — que o diga o caso do *José Macô-res*...

Não te contentes com o ser justo: impede as injustiças: — assim disse não sei que philosopho. Este livro vem provar-nos de sobejo o que já de sobejo sabiamos: que o auctor do *Desoito annos* tomou por norma de vida, como homem, como magistrado e como artista, esta bella maxima. Honra lhe seja! O *Desoito annos* são quinhentas e tantas paginas de bella prosa, aqui rouxinolada de poesia, vibrante ali d'eloquencia, alem faiscante de ironia, mais alem ainda rubra d'indignação, conceituosa e castiça sempre e sempre enfeixando os mais honrosos documentos que um portuguez que de sê-lo se prese mais desejara poder alcançar, e merecer — que é mais ainda. Não é uma *biographia*; muito menos um *panegyrico*: é uma simples *exposição*: mas de tal ordem é a exposição e por tal fórma está ella feita, que ao fim está feita a biographia e, mais, está feito o panegyrico — e o unico panegyrico que um homem como o sr. Conselheiro José d'Almeida certo desejaria se lhe fizesse.

Ao sr. Dr. Trindade Coelho os nossos agradecimentos pela affectuosa e preciosa offerta.

Eiradas: por Antonio Corrêa d'Oliveira:—A melhor forma de dizer o que este bello livro de adoravel poesia seja, fôra transcrever para aqui, por ex: aquella esplendida composição XXIV que começa assim:

«Senhora do Altar-Primeiro:
«Arrendastes-me esta vida,

«Esta Quinta d'Agonia.
 «Eu sou o vosso rendeiro,
 «Vós a minha Senhoria.

Ou então aquelle soneto em que, no mez das pódas,

«..... um velho
 «Ao sol se aqueuta enquanto lhe arrefece a vida
 «E diz como inspirado, assim, quando repara
 «Nos seus chagados pés onde agua está pingando
 «Alta videira-mãe que um lavrador podara :
 «—«Tu és irmã de Christo, ó arvore! pois pagas
 «Os golpes que meu filho hontem te deu, lavando,
 «Com lagrimas d'amor, meus pés cheios de chagas!...

Que muito que o poeta deve amar a sua terra—o *delicious Eden* da Beira—que tão lindas coisas lhe inspirou: — porque este livro nasceu do connubio da Alma do Poeta com a Alma da Natureza: e, para mal do Poeta e grande magua minha que o estimo devéras, parece que foi a Tristeza—mas uma Tristeza resignada, serena, impassível, hieratica quasi—quem abençoou aquella união! E d'ahi a dorida impressão que nos fica da sua leitura, junta á convicção firmissima de que está ali um poeta—e um poeta a valer.

Mas exactamente porque de tal nos deixa inteiramente convencidos o livro, é que o seu auctor nos merece a franqueza toda e certo se offendera d'um elogio sem restricções.

Não: o bello livro *Eiradas* tem defeitos e defeitos que é preciso se apontem para que o Antonio Corrêa se não vá persuadir (que se não persuade, de certo) de que já chegou ao Alto e de que pôde dormir á vontade sob os loiros...

Assim, grande parte dos Alexandrinos são maus, são mal feitos, não teem harmonia nem a poderiam ter: deixar fallar o sr. João Penha que foi Mestre do Soneto, mas que para salvar uns maus alexandrinos de certo soneto da *Viagem por Terra* precisou de os chrismar e de lhe chamar... nem me lembra já o quê! A verdade, a grande verdade — *Amicus...*

Magister, sed magis... —a puríssima verdade é que um verso de doze syllabas, um alexandrino, em summa, para soar bem ao ouvido precisa de ter uma cesura ao menos, ou na 6.^a syllaba, ou na 4.^a, ou na 8.^a, ou, melhor ainda, não a tendo na 6.^a, na 4.^a e na 8.^a. Tambem não está á altura do resto aquelle ultimo terceto do soneto IV, nem, menos ainda, aquella infantilidade dos dois tercetos do Soneto XXII; outros pequenos senões, insignificantes, aqui ou ali. Superiores a tudo—todas ou quasi todas as redondilhas. E o Antonio Correia que nos perdoe, ou antes,—que nos agradeça a boa amizade com que assim lhe fallamos—sinceramente.

Margaritas: de Ribeiro de Carvalho. Perdõe-me a illustre Senhora e illustre Poetisa, D. Albertina Paraiso, que prefacia este volume de delicadas lyricas: eu, se o tivesse lido antes de publicado, teria posto embargos áquelle verso do *Offertorio*:

«Que eu já ha tanto, ha tanto ando a sonhar»

e áquelle ultimo terceto do *Estoicismo*:

«Chego-me a admirar que alguém cá neste mundo,

«Rasgando o mar ideal do Pensamento a fundo,

«Se ponha inda a pensar *na vida e no amor*...

e ter-lhe ia pedido que sacrificasse as suas composições *A Mousinho de Albuquerque* e *A Ideia*: ambas indignas de figurarem num volume que tem poesias como as que se intitulam *Olhares*, *Campesina*, *Disfarçada*, e o sonetinho *Timida*, onde ha esta quadra encantadora

«Os olhos no chão, temerosa

«Que lhe vá tocar alguém,

«Nem sabe assim vergonhosa

«A formosura que tem...

e ainda aquella *Felizes*, *Ciumes*, *Amores* e *Primeiro Amor* onde vem esta quadra

«Procuro sempre a sua sombra muda
 «E não a encaro para não soffrer...
 «Só de a fitar sinto uma raiva aguda
 «E passo sempre aonde a possa vêr!

E' inegavelmente um bom livro o que taes joias enthesoi-
 ra: e bem confirmadas ficam as esperanças que nos déra o
 livro de estreia de Ribeiro de Carvalho *Livro d'um sonhador*
 publicado em 97. Siga o Poeta os preciosos conselhos que
 no fim do Prefacio lhe dá a distincta poetisa a quem o livro
 é offerecido: — e uma larga carreira se lhe offerecerá na vida,
 onde afinal o talento, quando aliado ao trabalho, sempre con-
 quista, digam pessimistas o que quizerem, um honroso futuro.
 Ao poeta os nossos agradecimento pela offerta.

Sonho Garretiano: Em lindissima plaquetta uns lindissi-
 mos versos de Delfim Guimarães: uns lindissimos versos
 e... um lindissimo sonho — sonho só, infelizmente. Em todo
 o caso, uma encantadora homenagem ao grande Poeta, cujo
 centenario passou ha dias. E fica-nos esta esperança ainda —
 que algum dia a posteridade tomará a peito converter numa
 suberba realidade o suberbo sonho de Delfim Guimarães...
 Tambem Camões esperou tresentos annos... Garrett não
 esperá tanto, com certeza.

Intorno al genovesi: Carlo Antonio Paggi e *Proverbios
 do Oriente*, por Joaquim de Araujo: — A primeira plaquetta
 é um valioso estudo acerca do primeiro traductor dos *Lusia-
 das* para italiano C. Antonio Paggi que lhe acrescentou no fim
 seis estancias tradusidas por Garrett nas *Folhas Cahidas*. A
 segunda são doze finissimas joias lançadas pelo primoroso
 poeta na corbelha d'uma noiva gentilissima. Esta a ultima:

«Os lisongeiros,
 «Cuja apparencia
 «Distilla mel,
 «São os primeiros
 «Que á nossa ausencia,
 «Vomitam fel...

Erato — Ecloga á lamentavel morte do Grande Lyrico do «Campo de Flores» João de Deus — por Jayme Cyrne : — Não lhe gostamos nada do titulo e, consequentemente, muito menos gostamos de toda aquella mythologia que já fez o seu tempo de serviço e pelo demasiado serviço que fez bem merece a aposentação. *Erato*, *Eolo*, *Erebo* e até a *Parca* ! — a *Parca*, Deus meu ! que eu julgava de ha tanto relegada para os cabeçalhos dos necrologios ! Não : com taes personagens é impossivel hoje fazer boa e verdadeira poesia ; este o nosso credo.

A'parte esta velharia, os tercetos são bem feitos e revelam muita phantasia e muito coração, qualidades estas, apreciabilissimas, que, aliadas ao muito exercicio de metrificacão que o auctor revella ter, nos promettem e, ainda mais, nos garantem no sr. Jayme Cirne mais um bom e delicado poeta num futuro proximo : de certo não nos deixará passar por mentiroso o livro que breve saia a publico firmado com o seu nome—que será muito superior áquelle que ora noticiamos ; por quanto o sr. Jayme Cirne tem um alto e formosissimo talento capaz de mais, de muito mais.

Que breve nol'o dê é o que nós muito cordealmente desejamos.

Os nossos agradecimentos pela offerta e pelas palavras immerecidas que o acompanham.

A Monja, por Campos Lima : — O auctor é já largamente conhecido e muito considerado, depois que, em 97, deu ao publico a sua estreia *Retalhos do Coração*, que obteve da imprensa rasgados e cremos que justos elogios : cremos, digo, porque não li o volume e desconfio muito dos juizos da Imprensa, quasi sempre pelo menos precipitados, levianos e, consequentemente, pouco seguros. Recordo-me porem, vagamente de que o sr. dr. Rodrigo Velloso louvou o livro : e isso me basta, a não haver da minha parte equivoco de memoria, para julgar que o poeta não foi feliz d'esta vez. *A Monja* são quatorze sonetos glosando um outro soneto, com o mesmo titulo, do livro *Cinzas* de Gonçalves Cerejeira a quem a plaquetta é

offerecida. Ora dá-se o caso de ser *A monja* um dos sonetos, a meu ver, inferiores do *Cinzas* que tem, além de muitas lyricas valiosissimas, alguns sonetos bons, inteiramente bons. Da má escolha pois, resultou por ventura a imperfeição do trabalho do sr. Campos Lima. Acresce que o soneto de Gonçalves Ceregeira pouco ou nada se prestava a ser glosado: d'ahi esta incongruencia de haver, na plaquetta, um soneto que, isolado, não faz sentido: não tem vida propria e independente: é o III que precisa, para ser comprehendido, do immediato ao qual está preso *unbelicalmente*, como os dois irmãos-siamêzes... Eis o ultimo terceto do soneto III:

«Já minha tez perdeu a côr louçã
«E como é triste nunca ter um goso
«*Amarguras soffrer... sem um só dia...*

Sem um só dia, quê?... Diz-nol-o o soneto IV:

«Sem um só dia, um só, gosar a Vida...
.....

Depois, aquella monja não chega a commover-nos, não chega a mover-nos á piedade, porque... porque não chega sequer a mover-nos á sympathy. Eu sei que o sr Campos Lima retorquiou a Monsg. Almeida Silvano: «Não é namoros o que a minha monja quer, mas o enlace espiritual da alma d'ella á alma d'um homem». Isto diz o sr. Campos Lima: mas a monja é que o não deixa perceber bem claramente. E a proposito, direi de passagem que assim mesmo o sr. Campos Lima foi felicissimo na polemica: isto porem, não quer dizer que tivesse a razão do seu lado: que tambem do lado do antagonista não estava ella: ambos a não tinham, porventura por serem apaixonados, como partes interessadas que eram: um brandindo armas pela sua classe, outro pela sua obra.

Não sou eu dos que condemnam, bem pelo contrario, a poesia philosophica, e revolucionaria: mas para que ella mereça os meus applausos, precisa de pelo esmero de forma e

pela elevação da ideia nos fazer esquecer o tanto ou quanto de utilitarismo que a inspira. Ora tal se não dá, a meu ver, com os sonetos da Monja, onde, por exemplo o IX termina assim:

«Porem estas palavras criminosas
 «*Diçia-m'as este Eu nefando e bruto*
 «Que me vae arrastando á sepultura.
 «Amor! . . . mas se elle só nasceu p'r'as rosas! . . .
 «*Amor! Amor p'ra mim! Souho estulto! . . .*
 «Que vida de tormentos e amargura!

Sublinei, propositadamente, o segundo verso do primeiro terceto que é um horror de desharmonia e o segundo do segundo que, alem de errado, não faz rima que se admitta.

Teremos justificado aos olhos do auctor a nossa pouca estima pela plaqueta que tão delicadamente nos offereceu? Bem o desejamos — para que elle nos fizesse a justiça que nós lhe fazemos.

Acção Ordinaria: - São de litteratura juridica, mas nem por isso deixarão de ter aqui uma ligeira referencia esta meia duzia de paginas onde um moço de muito talento, o Dr. Valentim da Silva, hoje advogado em Mangualde, tersa as suas primeiras armas, galhardamente, em prol da Justiça, como um paladino medieval — pelos Fracos, pelos Opprimidos. E como atravez da aridez dos *artigos*, da prosa dos *considerandos*, e do bafo das *citações*, consegue, apesar de tudo, revelar-se em toda a sua luz o nobre entusiasmo da sua bella alma de poeta, como nós lh'a conhecemos em Coimbra — sempre prompta para todas as luctas proficuas, sempre dedicada para todas as causas generosas, sempre decidida para todos os sacrificios, excepto um — o da própria dignidade!

Que lhe não morram os enthusiasmos, que lhe não estanque a seiva, que se lhe não apague a fé: — que elle fique, que elle seja sempre o mesmo poeta que hoje é: e o futuro lhe proporcione o premio a que tem jus — pelo seu talento e pelo seu caracter!

Os Chrysanthemos, por Eduardo Sequeira: — Lembra-nos

ter lido em tempos do mesmo auctor o bello livro *Ninhos e Ovos*: e da leitura nos ficaram gratissimas impressões, hoje aivadas pela leitura que fizemos do volume *Os Chrysanthemos* que o sr. Eduardo Sequeira teve a bondade de offercer-nos.

Hoje que o cultivo das flores se tornou em muitos, e ainda bem, uma paixão, este livro é uma verdadeira preciosidade, tanto mais que os crysánthemos se tornaram de direito, a *flor da moda* — elles que são «o traço de união entre o fim da floração das Rosas e o principio da floração das Camélias.» Um bello livro, indispensavel aos amadores.

E vem a proposito dizer que é esta uma distracção encantadora e proveitosissima que desejamos ver adoptada pelas damas da alta sociedade: — a da cultura das flores, preferivel de certo ao uso da bicicleta, porque, se esta pode contribuir para o aperfeçoamento plastico, aquella indubitavelmente contribue para o aperfeçoamento esthetico.

*
* *
*

E — para fecharmos com chave d'ouro —:

A Garrett no seu primeiro centenario (Homenagem de Anna de Castro Osorio e Paulino d'Oliveira): — Uma elegante plaquetta de 50 paginas, com um bello retrato de Almeida Garrett. Abre com uma fina e bem pensada prosa de D. Anna de Castro Osorio: segue uma elegante composição em versos brancos do delicado e intellectual poeta da *Dor* Paulino d'Oliveira, marido da distincta escriptora: umas vinte paginas de trechos selectos da obra de Garrett — do *Frei Luiz da Sousa* a 1.^a scena do 2.^o acto; do *Camões* uns tantos versos do Canto V; trechos das *Viagens na minha terra*; das *Folhas Cahidas os Cinco sentidos* e *Preito*; de *Um Auto de Gil Vicente* a scena 3.^a do 1.^o acto; um soneto *Camões Naufrago*, datado de Angra, 1815; um trecho do *Arco de Sant'Anna*, vol. 2.^o; do *Alfageme de Santarem*, a Scena XII do acto 3.^o; um excerpto do canto 3.^o do *D. Branca*; do *Romanceiro* o *Condé Nillo*; e, para fecho, um florilegio de

pensamentos colhidos na larga obra do grande poeta, *Ao acaso*. Completam o volume alguns bellos artigos, publicados pelos auctores, antes do centenário: bellos e — não de todo inúteis, apesar de, realmente, o centenário não ter sido o que era preciso que fosse.

Mas dizemos com a sr.^a D. Anna de Castro Osorio: «Elle — como Camões, terá a sua hora de justiça.» Para isso é que muito contribuirão artigos nos jornaes e publicações no genero d'esta de que ora estou dando noticia.

Dos artigos com que fecha o volume injustiça fôra não signalar o que foi publicado por D. Anna de Castro Osorio no *Nove de julho*, intitulado *A's mulheres Portuguezas*.

Realmente a ellas cumpre agora vingar a memoria do Poeta da indiferença com que o *respeitavel* publico acolheu a ideia do Centenario: e a melhor forma de o vingarem — como Elle desejaria ser vingado — é amarem-no e — para o amarem — lerem-o.

«Que ellas o leiam, e elle triumphará, mesmo morto, uma vez mais, da hostilidade com que a maioria dos homens o tractou sempre.

Assim conclue este artigo; e assim concluímos nós tambem esta ligeira noticia, agradecendo á sr.^a D. Anna de Castro Osorio e a seu marido a gentileza da penhorante offerta.

CARLOS DE LEMOS.

REVISTA DAS REVISTAS

Sejam as primeiras linhas d'esta secção para darmos as boas-viudas a duas encantadoras revistas, que bem nos merecem a preferencia — por nos virem de longe: são ellas:

Eros: revista artistica litteraria que se publica em Messina (Italia) sob a intelligente e accurada direcção dos srs. G. D. Capri e A. Mari. E' quinzenal: por anno, 4 liras. Redacção: via Resorgimento, n.º 6.

Recebemos o 3.º e 4.º numeros. Abre o 3.º com uma encantadora poesia de Giovanni Pascoli, um dos mais illustres cultores da Poesia-Domestica, orientação actualmente muito seguida na Italia, tendo á sua frente, com o supra-citado, Marradi, Pieiolla, Ferrari e outros. A destacar, ainda, umas paginas sobre Homero por F. Natoli, uma novella *Purificazione* de A. Mari,

duas quadras de T. Cannizzaro — *Pensiero*, e ainda uma poesia *Seiano* de Oscar Pio.

O 4.º n.º abre com uma poesia *Ad Eros* (preludio do volume inedito *Eros*); segue um estudo de F. Puglia *Applicazione della psico-fisiologia alla critica Letteraria*: e o resto todo tambem de optima collaboração, a destacar as poesias *Fantasia Invernale* de Angelo Toscano e *Per le vie de l'azzurro* de Anna Scalera. Traz tambem uma noticia muito e justamente elogiosa do volume *Sonnetti Complet* de que já tambem se occupou a *Ave-Azul*.

Iride Mamerina: Revista quinzenal de letras e Artes: Director F. I. Giuffrè. Publica-se em Messina-Reggio: Redacção via Reggio Campi. Assignatura por anno, na Italia, 3 liras, para o estrangeiro, 5 liras.

Recebemos o n.º 4 do 2.º anno, correspondente a 16 de fevereiro.

Abre tambem com uma poesia *Clelia* de Giuseppe de Napoli, que se filia ainda na corrente da Poesia domestica, a que acima alludimos. Segue um estudo sobre Frederico Mistral, uma poesia *Fata Morgana*, de Thommaso Vitrioli, fallecido em 1879 e pae do illustre latinista Diogo Vitrioli, umas paginas, do Director da Revista F. Italo Giuffrè, sob o titulo de *Ricordi letterari*, consagradas a Giacomo Zanella—poeta e padre, que como padre pregou a reconciliação da Igreja com o Estado e como poeta cantou a familia e, como poeta e como padre, foi sempre um crente e um patriota; e termina com um artigo de Guido Rustico sobre o illustre patriota italiano, litterato e bibliographo, Antonio Pannizzi.

Tribuna: temos continuado a receber esta excellente revista de Lisboa, como sempre, interessantissima.

Na secção *Echos* do seu n.º 8 (19 de fevereiro) Ch.—A. Hysson, accusando a recepção do *Sonnetti Complet*, diz: «Lemos não nos lembra aonde, que é edição de maior valor ainda que o volume portuguez.» O que Ch.—A. Hysson lêu no P. S. da secção *Portugal lá fóra*, no 1.º fasc. da *Ave Azul* e, depoi's, ainda repetido, na noticia que do mesmo volume demos no 2.º fasciculo, foi que era—*uma edição dos sonetos de Anthero, como não temos em portuguez*. Como pois, não preferiamos a traducção italiana (aliaz primorosa e bem digna de que Ch.—A. Hysson larga e elogiosamente a apreciasse e não simplesmente lhe transcrevesse os dizeres do rosto do volume e os nomes dos traductores com a noticia de que «a edição está á venda nas livrarias») como pois, repetimos, não preferiamos a traducção italiana ao original portuguez—convenidos estamos de que não é commoso a contestação: todavia, para evitar equivoocos, aqui fica o caso aclarado. O que dissemos—e sustentamos—é que a edição italiana, por muito documentada, era tal qual não a temos em portuguez: e bom fóra que a tivessemos, acrescentamos.

De resto, em nosso humilde entender, Anthero é simplesmente um poeta portuguez por ter escripto—e que bem!—na lingua de Camões e de Vieira. No sentir como no pensar, não o julgamos nós tão portuguez que se não preste a ser bem tradusido e integralmente tradusido para qualquer outra lingua.

E, ainda que o sr. Th. Cannizzaro tivesse apenas tradusido ideias e palavras, sem o tal *sabor do sentimento* que está só dentro do *liero*—não merecera, assim mesmo, o illustre poeta siciliano os nossos louvores e agradecimentos?

Responda quem escreveu, no 1.º n.º da *Tribuna*, que a traducção de *Os meus amores*, (onde o proprio traductor encontrava o *sabor de sua tierruca* . .) era um modelo de fidelidade, com o que, aliaz, concordamos.

CARLOS DE LEMOS